

“CARREIRAS EMPREENDEDORAS COMO FORMA DE AUTORIA PROFISSIONAL”

Sandra Korman **DIB**

Professora e Coordenadora do Ensino de Empreendedorismo da PUC-Rio e
Doutoranda em Psicologia Social pelo Instituto de Psicologia da UFRJ

RESUMO

O presente trabalho analisa as possibilidades de escolha e inserção profissional empreendedora a partir de uma apropriação inovadora do planejamento das trajetórias profissionais. Parte-se da concepção de carreira profissional como um processo e não como um produto, que requer atenção para os contextos sociais, culturais, educacionais e, especialmente, os pessoais. As emoções passam a ser pontuadas como o que irá energizar as idéias, os valores, as crenças, os interesses e as habilidades necessários para o desenvolvimento de uma trajetória profissional.

Palavras-chave: Carreira, Empreendedorismo, Planejamento, Juventude, Autoria Profissional.

A oportunidade de me inscrever no mundo profissional sempre pautada ou tangenciada por atividades envolvendo o trabalho com jovens, propiciou-me o envolvimento com algo sempre plural, algo que se constitui e se expressa na dependência de diferentes construções identitárias, elaboradas a partir da possibilidade de inclusão social e da qualidade das relações sociais que experimenta – construções identitárias estas que serão por nós apreendidas de acordo com a flexibilidade ou rigidez, os alcances ou limites dos nossos valores e representações, que por sua vez também foram e sempre serão cultural e socialmente construídos.

A experiência docente operando com disciplinas técnicas de Comunicação Social, há 15 anos, e com as de Empreendedorismo desde 1996, propiciou-me um espaço rico em vivências e reflexões. Uma parte considerável do valor dessas experiências - que se correlaciona com o tema desse estudo - se deve ao fato de a maior parte dos encontros, realizados com os jovens alunos, virem se dando num momento de inserções e escolhas profissionais. Vários fenômenos puderam ser observados nesse momento, vivenciado como algo extremamente crítico, tão ou mais que o próprio vestibular, caracterizados por atitudes como o adiamento da formatura, trancamento ou transferência para um outro curso. E mesmo os que chegavam até a formatura dentro do tempo previsto, tendo feito estágios ou não, em sua maior parte apresentava como pano de fundo de suas preocupações uma grande questão: “*Por onde começar a minha carreira?*”

E foi exatamente essa questão, “*por onde começar a minha carreira?*”, formulada por jovens no seu último ano de graduação, juntamente com as questões culturais e sociais que lhe permeiam de maneira subliminar, o que me motivou a iniciar a investigação da construção de uma carreira como uma possibilidade de subjetivação, por meio da apropriação singular do seu futuro.

Sobre a incidência dessa pergunta ao final da graduação, como um padrão recorrente de questionamento por parte dos jovens, várias suposições poderão ser feitas – como o fato de se viver numa época marcada por fortes instabilidades e imprevisibilidades, a falência dos modelos, e, especialmente, o fato de que as carreiras vêm sendo feitas sem qualquer autoria. Pode-se imaginar também que as formações profissionais vêm sendo consumidas como mais um produto, na categoria de um *trampolim*, só que não se sabe ao certo para onde se deseja saltar.

Mesmo que não se consiga, nesse momento, levantar de forma precisa as bases motivadoras desse questionamento é possível supor que a arquitetura de uma carreira esteja intimamente ligada ao movimento de **descoberta** e **construção** do “*o que eu sou*”. Esse processo deve ser anterior ao “*Por onde começar?*”.

A construção de uma carreira não é um produto, mas sim um processo que requer atenção para os contextos sociais, culturais, educacionais e, especialmente, os pessoais. As emoções é que irão

energizar as idéias, os valores, as crenças, os interesses e as habilidades necessários para o desenvolvimento de uma trajetória profissional.

Uma tentativa de lidar com esse questionamento, sem a evocação das premissas da filosofia clássica, traduzindo para uma realidade possível de se operar no contexto educacional, poderia ser a substituição do questionamento “*Como iniciar uma atividade?*” para o “**O que me move?**”

Com a experiência docente, pude observar uma notável correlação entre “*aquilo que move*” os estudantes e “*aquilo que os incomoda e os desestabiliza*”. Entretanto, na maior parte dos casos, ao entrarem em contato com o que os desestabiliza, erroneamente buscam os **modelos** (com frequência dentro das antigas certezas). Teorias, modelos e exemplos de certezas de “por onde começar” são oferecidos por todos os professores e outros adultos de *plantão*, que também não toleram as dúvidas provenientes dos espaços de desestabilização.

Observo que, ao eliminar o que incomoda ao jovem, na construção da sua carreira, eliminamos também a possibilidade de ir ao encontro das **incertezas**, de operar com elas – justamente com a *matéria-prima* de qualquer futuro profissional na atualidade. Suponho que os grandes modelos de “por onde começar” sejam tão eficazes quanto as novelas de TV, que consumimos como morfina com o objetivo de manter atualizadas as nossas crenças em tudo aquilo que gostaríamos que existisse – cenários liliputianos, único reduto do mundo *sob-medida*, onde as carreiras se constroem a partir dos modelos de *por onde começar*.

Parece que o questionamento inicial se complexifica ainda mais, pois o “**como iniciar uma atividade se não sei quem eu sou?**” finalmente encontra a sua proposta mais adequada em: “**como iniciar uma atividade se não sei quem eu sou, num mundo em permanente mudanças e pressões?**”

Sobre o como reagir às pressões, isso poderia ser respondido pela tentativa de localizá-las, investigando o seu surgimento. Quem sabe as pressões possam estar dentro dos sujeitos e provenham da maneira como estes se relacionam com essa **instabilidade** e as suas múltiplas conseqüências? Evidencia-se aqui a necessidade do enfrentamento da nossa época, marcada pela rapidez e mobilidade, diferente de uma submissão cega, frequentemente justificada pela incapacidade de se situar histórica e socialmente nesse processo. Todos os discursos da atualidade iniciam salientando o momento de fortes mudanças. Entretanto, muito pouco ou quase nada é dito sobre como interagir, fazer frente, fazer parte etc, sem que seja por uma absoluta redenção ou uma permanente corrida atrás de um irremediável e intolerável atraso.

Para esse questionamento que se aperfeiçoa e se transforma em “**como vou iniciar o meu processo de construção profissional, frente a uma necessidade permanente de adaptação**”, certamente a resposta não poderá ser: “*decorando os afluentes do Rio Amazonas!*”.

A educação generalista tradicional ou as modernas técnicas de treinamento de habilidades, juntas não poderão dar conta desse resgate.

No entanto, acredito que esse movimento deva ser iniciado nas instituições de ensino médio e superior, concebendo o “planejamento de carreira como um instrumento de registro/resgate sistemático na descoberta dos sujeitos”.

Pensar uma carreira deve ser a expressão do que se deseja e não uma resposta às pressões externas.

Quanto a essa evidência, venho observando um movimento crescente, nos alunos da formação de empreendedorismo, de questionamento sobre o fim último do “empreender”, do se realizar profissionalmente. “*Essa carreira que eu quero e construo está a serviço do quê? Em que essa minha construção faz a diferença? A quem eu estou ajudando?*”.

De alguma forma esses jovens parecem estar pondo em prática o enfrentamento do que os desestabiliza, iniciando pelas injustiças sociais, miséria, fome e toda uma pauta de carências e necessidades. *Ponto* para eles, que além de buscarem responder às próprias instabilidades, passam a operar em sistemas de enfrentamento e de busca de soluções, como base de suas construções identitárias e profissionais.

A elaboração de um acompanhamento sistemático, por meio de planejamento e gestão da construção dessas múltiplas formas de inserção profissional, será uma ferramenta relevante para todos os atores envolvidos nos processos de ensino/aprendizagem.

JUVENTUDE E LOCALIZAÇÃO PROFISSIONAL

Os questionamentos envolvendo a juventude vêm se apresentando como uma preocupação central em variadas pautas e âmbitos da sociedade contemporânea, de acordo com diferentes propósitos - seja pela configuração de grupo capaz de exercer uma forte pressão social, quando entendido como potente setor eleitoral, seja pela representação de expressivo alvo de consumo de massa.

No estudo que se pretende desenvolver, os jovens configuram como os protagonistas da renovação permanente da sociedade, especialmente no contexto de reestruturação sócio-econômica e global. Como forma de corroborar com esse processo busca-se o restabelecimento da autoria de suas trajetórias profissionais como forma de subjetivação e autoconstrução.

Parte-se da constatação de que a juventude, como objeto teórico, vem apresentando transformações, fortemente influenciadas pelas hipóteses de que os contextos históricos e sociais contribuem para a formação do modelo de se vivenciar a "juventude". O recorte de uma dimensão única de entendimento vem se apresentando ineficaz diante da necessidade de se reconhecer a multiplicidade dessa heterogeneidade empírica.

Essa heterogenia externalizada pelos jovens deverá ser entendida a partir da sua localização no atual contexto, caracterizado pelas importantes mudanças que a humanidade vem experimentando, alterando não só os sistemas de significações e valores individuais, como também as referências normativas macrosociais. Assim, o estudo se propõe a fomentar uma ambiência propícia ao planejamento e à construção de carreiras como forma de subjetivação, num momento em que as bases sobre as quais se desenvolveu o modelo cultural da sociedade industrial foram abaladas.

ENTENDIMENTO TEÓRICO

Tão relevante quanto o movimento de se descortinar os fenômenos das ciências humanas contemporâneas, é o de se atentar aos perigos das generalizações e dos reducionismos, que não levam em conta a complexidade das sociedades atuais.

Constituídas sob o imperativo da ciência, da tecnologia e da comunicação sem limites, hoje, as sociedades devem ter em conta o papel construtivo da desordem, da auto-organização e da não linearidade, que, quando não conscientizadas como novos vetores de conhecimento e entendimento dos sujeitos, tornam-se fonte inesgotável de equívocos.

Dentre as inúmeras possibilidades de tendências às incorreções teóricas, os nossos estudos voltam-se para juventude quando interpretada como uma obviedade, um compasso de espera do "vir-a-ser" adulto, suas conseqüências e irradiações dessa tradição linear desenvolvimentista.

A edificação de marcos etários rígidos e universais vem sendo apontada como um efeito colateral do ideário de igualdade e liberdade da sociedade moderna.

"O processo de "menorização" da infância obedeceu assim a um mecanismo ideológico muito básico da própria configuração original do universalismo dos séculos XVII e XVIII: a definição de um patamar inicial do acesso à plenitude da condição de portador dos direitos universais no próprio processo ontogênico".
(DUART, 2001 p. 12)

Essa estruturação rígida gera o adultocentrismo como uma categoria pré-moderna e moderna que se refere a uma relação assimétrica e tensional de poder entre adultos e jovens em nossas sociedades (KRAUSKOPF, 2000), que, por sua vez, elabora uma cartilha a partir do enquadre desenvolvimentista, que concebe as trajetórias humanas cadenciadas por linearidade e ordenação.

Essa concepção seqüencial se transforma no instrumento de medida das trajetórias de vida, tendo na infância a referência de ponto de partida e no adulto o ponto de chegada.

Essa visão que explicita a evolução entre as gerações, poderá ser questionada de várias maneiras, em nossos dias, quando a forma adulta, longe de ser a mais bem acabada (a rapidez dos progressos tecnológicos e científicos e os processos de obsolescência e competição impõem aos adultos uma formação permanente), também se encontra em “crise” (pelo reconhecimento generalizado das incertezas e pela impossibilidade de manter a imagem modelar de autoridade e prestígio, baseada simplesmente na variável etária).

As metáforas de desenvolvimento pessoal, familiar e sócio-cultural que propõem mudanças progressivas até melhores estágios para a humanidade também serão problematizadas, ante o reconhecimento de crises inesperadas. (SCHNITMAN, 1996).

A perspectiva desenvolvimentista hegemônica e totalizante também é criticada no estudo de Castro, evidenciando o seu caráter anti-histórico, neutro e universalista, lembrando que a idéia de desenvolvimento é falaciosa por natureza, ao implicar a necessidade de regularidades e predições para se efetivar e um órgão controlador que legitime as mudanças. A autora, apoiando-se em Morss (1996, p.150), denuncia o desenvolvimento como sendo apenas:

“Uma técnica que define uma distância linear entre um e outro sujeito, para que se possa categorizar o outro como uma versão “menos madura” do que si mesmo. O desenvolvimento permite que se diga para o outro: “Temos um caminho em comum, mas eu estou na frente, ‘eu sou o seu futuro’, você se tornará igual a mim” (CASTRO 2001, p. 27).

A crítica desse modelo evolutivo não sugere a eliminação das diferenças entre adultos e jovens, mas sim a busca de alternativas para se pensar essa questão, a se iniciar pelo questionamento das bases sobre as quais as variáveis de distinção serão construídas. Para Krauskopf (2000) e Castro (2001) o reducionismo do paradigma “etapa preparatória”, como espaço transitório entre as crianças desenvolvidas e os adultos em formação, se manifesta como uma postergação dos direitos das crianças e dos jovens. Considerando-os carentes de maturidade social, implicitamente, lhes é negado o reconhecimento como sujeitos sociais, ou seja, prolonga-se a dependência infantil, limita-se a sua participação e consagra-se a distinção/oposição entre e jovens e adultos.

JUVENTUDE COMO UMA “TRAVESSIA” RESPONDE COM “TRAVESSIAS”

Dentro de uma relativização etnográfica, todas as culturas estabelecem alguns tipos de condições, marcos ou atributos para o acesso à categoria plena de sujeito social. Entretanto, o olhar da nossa cultura ocidental moderna vem se expressando sistematicamente equivocada ao adotar uma classificação com base em características etárias, que, além de impor um caráter de transitoriedade, costuma identificar os sujeitos dentro de rígidas classes, como as dos “que ainda não são”, até as dos “que já não são mais”. Essa perspectiva estigmatizada de *subtração da vida* corrente costuma negar aos jovens o papel de atores estratégicos nos processos de desenvolvimento e cidadania, negando-lhes uma visibilidade positiva como protagonistas. A dificuldade de se lidar e construir essa visibilidade sobre as capacidades e enfoques próprios dos jovens se oculta nas teorias de *período de preparação* e *juventude problema*. Essas formas culturais desqualificantes acabam por naturalizar a equação “jovem problema social” e causam um efeito *boomerang* sobre essa mesma cultura. A imposição da invisibilidade aos jovens costuma trazer o terror como um meio de obtenção de poder e visibilidade. Segundo Krauskopf a visibilidade aterrorizante é um mecanismo de auto-afirmação, de negação das desvalorizações e de obtenção de possíveis recompensas por parte dos jovens. A visibilidade passa a ser alcançada por meio de interações violentas, aparências desafiadoras e defesas de territorialidades espaciais ou corporais (1996).

Outra variante do mesmo engano reside na tentativa de indução à visibilidade, a partir dos referenciais adultos. Essa pseudovisibilidade costuma se fazer por meio de um elenco de papéis, responsabilidades e inserções sociais atribuídas ao jovem, prematuramente ou não, como um pastiche imperfeito do “ser adulto”, sem reconhecer efetivamente o potencial aporte juvenil para uma participação social.

Como já salientamos, um dos principais ônus do entendimento da juventude como etapa transitória (instável, confusa e mutante) é a tendência a entendê-la como um período marcado por crises normativas, traduzido como uma “etapa problemática”. As construções teóricas passam a se fazer com base na fragmentação da juventude em suas reconhecidas crises, pelo prisma relacional de *mal-*

estar que provoca no seu entorno social e não pelo olhar dos jovens. A visibilidade desses passa a ser feita com base num programa que contempla a delinquência, as drogas, as dificuldades escolares, as afirmações quanto à imagem, as indefinições quanto ao futuro profissional, dentre inúmeras outras problemáticas.

Em nossos estudos focaremos a complexa rede de implicações que compõe a problemática do **processo de definição e desenvolvimento profissional**, notadamente quando se apresenta como mais um subproduto da crença nos modelos e padronizações lineares das trajetórias dos sujeitos.

A BUSCA POR AUTORIA NUMA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

A ausência de uma bibliografia partindo de uma perspectiva juvenil se faz notar em várias esferas, notadamente quanto às que enfocam as possibilidades de construções pessoais, valores, planejamento de carreiras e indícios de sucesso sob a ótica dos jovens. Entretanto, os últimos 50 anos ofereceram uma extensa literatura de “aplicação imediata” sobre os maiores questionamentos dos jovens, especialmente sobre a motivação e o sucesso, preponderantemente focada nas transformações quanto à aparência social. Covey localiza historicamente essa passagem:

“Pouco depois da Primeira Guerra Mundial, a visão básica do sucesso deslocou-se da Ética do Caráter para o que se poderia chamar de Ética da Personalidade. O Sucesso tornou-se mais uma decorrência da personalidade, da imagem pública, atitudes e comportamentos, habilidades e técnicas que lubrificam o processo de interação humana. Esta Ética da Personalidade trilha dois caminhos básicos: um deles é o das técnicas nas relações públicas e humanas e o outro uma atitude mental positiva (AMP)”.(1989, p.20).

Como uma constatação dessa colocação basta atentarmos às publicações que vêm fazendo o furor nas livrarias, por apresentarem, em seus títulos, manchetes e chamadas variações sobre temas como: “não há limite para a mente humana, desde que se acredite firmemente”, “a arte de influenciar pessoas e desenvolver olhos brilhantes”, “as atitudes determinam as altitudes”, “como obter poder nas negociações”, “fale bem e viva melhor”, “desenvolva *todos os lados* do seu cérebro”. E mais objetivamente quanto às construções de carreiras, não faltam chamadas na maior parte das vezes tentando computar saldos positivos da crise de um individualismo exacerbado, como: “quem não faz poeira, come poeira”, “lidere para não ser liderado”, “os dez mandamentos para se vencer na vida”, “as dez características do profissional de sucesso”, “os dez erros implacáveis ao se pensar o futuro profissional”, “torne-se um empreendedor em apenas dez passos”. A fixação no número dez deve-se atribuir a um reforço de retórica, presumo, com tanto sentido e conteúdo que essas mensagens tentam passar, além do lucro editorial.

Observa-se, no entanto, que essas construções denotam algo mais profundo e anterior aos últimos anos. Trata-se do próprio apagamento do sujeito, fruto da cisão de dois mundos, defendida por Descartes. Um mundo relevante ao conhecimento científico e racional, caracterizado pelo objeto, e um outro mundo intuitivo, imprevisível e reflexivo, representado pelo sujeito. Esse sujeito nem sempre respondendo, como o desejado, às tentativas de predições e controles, foi apontado como fonte de instabilidades, dúvidas, erros e acabou sendo expulso da maior parte das ciências ou passou a ser tratado como um “fardo”, ou seja, o foco crítico e instável da ciência, sobre o qual os retornos dos investimentos não poderão ser assegurados com precisão.

Sociedade e sujeito começam a se contrapor nessa ciranda que ora apaga, ora isola o sujeito. No caso da adolescência, Morin (2002) observa que, por trás do antagonismo sob a forma de uma rebelião permanente, se traduz o elo fraco da civilização, onde se concentram os problemas, os males, as aspirações difusas e atomizadas (p.85) – aspirações essas que não encontram, na maior parte das vezes, qualquer instância capaz de reconhecer e acolher os seus movimentos aparentemente desordenados. Parece impossível vislumbrar trajetórias e projetar futuros, ao se negar o próprio presente.

POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÕES

Os movimentos de restituição do sujeito às ciências e das ciências ao sujeito, observado na contemporaneidade, devem servir de inspiração ao movimento de resgate da autoria das próprias trajetórias, por parte dos jovens, como uma possibilidade de reação a essa problemática. E,

necessariamente, a tentativa de protagonizar a própria vida se envolve num projeto que contempla a complexidade ecológica e as singularidades históricas, culturais e sociais.

“Não somos meros reprodutores passivos de uma realidade independente de nossa observação, assim como não temos liberdade absoluta para eleger de forma irrestrita a construção da realidade que levaremos a cabo. A operação ativa de construção/desconstrução (no contexto) que os grupos humanos fazem sobre o que será seu “universo” – objeto de conhecimento – coincide com sua emergência simultânea como sujeitos no mesmo processo de construção. (SCHNITMAN, 1996 p.16).

Uma das primeiras possibilidades de intervenção, nesse movimento, emerge da constatação de uma juventude tutelada, como uma forma de postergação da vida ativa, imposta aos jovens pelos adultos, e que se vê abruptamente interrompida pela imagem de um futuro que se precipita sobre as suas cabeças. Esse futuro parece se fazer anunciar por um *primeiro trovão*: a necessidade de se responsabilizar pelos próprios atos. Acredita-se, assim, que a história dos jovens se inicia na responsabilidade pelas suas ações. Mesmo que à essa idéia se contraponha o argumento de Arendt, de que seja *“pela coragem do simplesmente agir, e não exatamente de arcar com as conseqüências do agir, é por onde se delinea a história de cada um, ou seja, quem somos”*.(CASTRO 2001 p. 33)

A crença em trajetórias construídas de maneira uniforme e linear subsiste *magicamente* na contemporaneidade, com as idéias de desestabilização, insegurança e fim das certezas, que apontam para a *consciência da itinerância e da errância humana* (Morin 2002 p.107), na construção de caminhos múltiplos.

De maneira sistêmica, aos jovens são reservadas apenas parcialidades sob a forma de condensações e deslocamentos dessas proposições, ou seja, a crença de que *existe uma trajetória a ser percorrida até o sucesso num mundo de incertezas*. Configura-se uma situação paradoxal e altamente problemática, para a qual não faltarão paliativos e soluções mágicas, embaladas muitas vezes em modismos teóricos educacionais.

Um dos cerne dos nossos estudos se faz por meio da investigação dessas trajetórias *rumo ao sucesso*, especialmente no que se refere à falácia de um modelo de desenvolvimento único, fundado numa “ética naturalista” da realização pessoal.

ESCOLHA VOCACIONAL, CARREIRA, TRABALHO E SINGULARIDADES

Correlacionar a construção de subjetividades com temas como escolha vocacional, desenvolvimento de carreira e estrutura de trabalho na atual sociedade, é, no mínimo, uma tarefa ousada, que articula diversas dimensões da existência do sujeito de forma interdisciplinar. Para esse propósito pretende-se um estudo aprofundado ao longo da investigação que está sendo proposta.

A questão do jovem que busca se orientar produtivamente no contemporâneo é dotada de diferentes formas de análise e interpretações de acordo com o vasto referencial teórico utilizado, havendo consenso, entretanto, quanto ao fato de ser um momento muito conflitivo para o jovem, que deve responder às expectativas e pressões externas, onde *“o tempo social nem sempre é o tempo de cada um”*, como observa Levenfus (1997). De uma forma genérica, os estudos que se oferecem como indicadores de carreiras e facilitadores das escolhas profissionais buscam referenciais de estabilidade num caótico panorama de inserção ao mundo do trabalho. Boa parte deles oferece um enfoque parcial desse sistema de relações, concentrando-se em medidas que minimizem os riscos e aumentem as chances de competitividade, especialmente no momento das escolhas profissionais. Outros estudos apontam uma tendência mais integradora envolvendo as relações de trabalho, o funcionamento das organizações e a interioridade dos sujeitos de maneira menos manipuladora e instrumental no que se refere à superação de obstáculos.

Chiavenato (2002) ao observar a dinâmica do mercado de trabalho, em que tudo se apresenta de maneira instável, ressalta pontos-chave, pessoas e lugares que possam agregar valores ao sujeito e traça um elenco de observações como: o saber negociar, a capacidade de analisar os concorrentes, os cuidados durante a entrevista, o preparo do marketing pessoal, do *networking* e do portfólio profissional. Para o autor a busca pela inserção profissional deverá se fazer com *ferramentas apropriadas*,

... *“preparar adequadamente para ocupar o nosso lugar e garantir nossa posição profissional em condições realmente competitivas diante da concorrência, que se torna mais intensa a cada dia. As armas que devemos usar devem ser modernas e poderosas para podermos ser bem-sucedidos em nossa disputa por um lugar ao sol dentro das empresas”*.(CHIAVENATO, 2002, p.5)

O momento da escolha de uma profissão, atividade ou ofício é apontado por Farren (2000) como a decisão mais importante de todo esse processo. Em seus estudos identificou 12 necessidades humanas, que considera atemporais, situadas no âmago de qualquer experiência, e que as profissões devem evoluir para a satisfação destas, partindo das necessidades como moradia/abrigo, família/parentesco, trabalho/carreira, até as de comunidade, lazer e espiritualidade.

Embora a maneira de se compreender os processos de inserção profissional dependa das orientações teóricas adotadas, os estudos de Bohoslavsky (1977), Pelletier (1982), Muller (1988), oferecem algumas referências balizadoras, como o conceito de *vocação* dissociado de uma visão naturalista, e o emprego da Orientação Profissional no lugar da Orientação Vocacional. As teorias da escolha vocacional que faziam uma leitura puramente determinista, gradativamente, segundo estes autores, vêm sendo substituídas por uma visão que percebe o indivíduo e a sociedade em constante transformação dado-se conta do quanto isso afeta o conceito de sucesso profissional, o perfil esperado em cada profissão e as formas de se obter conhecimento.

Ao orientador profissional é atribuído o papel de facilitador, especialmente no processo de autoconhecimento dos jovens e na tomada de consciência e localização das pressões às quais se encontram submetidos, sejam essas de natureza interna, familiar ou social. Quanto aos recursos e ferramentas de atuação, encontram-se profissionais que ainda fazem uma avaliação baseada em testes de interesse e aptidões, onde ao final do processo o adolescente recebe um laudo com suas possibilidades. Outros profissionais optam por entrevistas com o interessado e seus familiares, contando com diferentes técnicas para auxiliá-lo neste processo de escolha.

Embora as ferramentas de aplicação possam variar, a orientação profissional como um processo amplo de crescimento e reflexão pessoal, deve correlacionar o conhecimento das profissões com a maneira como essas se inserem e influenciam o social. Para atingir uma maturidade vocacional não basta que o sujeito apenas conheça as profissões, é preciso que ele as integre à sua experiência de vida, que, por sua vez, se localiza num determinado contexto histórico, cultural e social. *"O trabalho tem um papel mediador entre o mundo subjetivo e o mundo real. Pelo trabalho o homem se apropria do mundo subjetivo, transformando a si mesmo, ou seja, construindo-se ao mesmo tempo que transforma o real"* (SOARES-LUCCHIARI, 1993, p.120).

Rosembaum (2001), em seu artigo “Emprego, Vocação e Trabalho”, discute a inserção profissional tendo como pano de fundo as enormes mudanças no mundo de trabalho, nos últimos vinte anos e os novos paradigmas profissionais. Sugere ao jovem que na tentativa de se localizar produtivamente em nossos dias, abdique de abraçar o mundo com a voracidade que os adultos projetam nele e que consiga, reconhecer e operar com os seus limites e possibilidades, protagonizando a sua própria trajetória. A autora se refere à metáfora da autopista de Fórmula 1, criada por Manuel Castells:

“... o mundo moderno da economia é uma autopista de Fórmula 1, onde poucas pessoas podem entrar e dirigir os carros super potentes. Do lado de fora da pista, há uma enorme arquibancada lotada que apenas assiste ao espetáculo. No mundo dominado por fluxos globais de capitais e de informação, onde o antigo Estado do Bem Estar Social (welfare state) não parece mais prover a segurança e o sentimento de pertinência dos seus cidadãos, torna-se um enorme desafio encontrar modos de reagir e de se adaptar à nova dinâmica social e produtiva.”(2001)

Responder ao próprio desejo é saber-se, sobretudo incompleto. Paradoxalmente as instituições de ensino possuem um relevante papel para essa conquista, na medida em que proporcione novos espaços de aprendizagem e de interlocução com o jovem que busca reconhecimento e construção profissional.

Dentro dessa perspectiva Hoirisch, Barros e S. de Souza (1993) reconhecem a importância da orientação psico-pedagógica no ensino superior, e incluem a necessidade de orientação profissional como um aspecto fundamental interligado à saúde mental dos jovens que ingressam na universidade.

“No ensino superior, verificam-se decorrências sérias acerca do “novo” para o aluno calouro (...) questões como aquisição do domínio da linguagem acadêmica, a incorporação de atitudes e valores próprios à carreira escolhida, o conhecimento do novo espaço físico, com a perda da referência da sala de aula exclusiva, da turma como ponto de apoio, o desligamento abrupto do grupo de amigos de vários anos (...) O vestibular o exclui dos grupos de origem. Entretanto, ele ainda não concretizou novos vínculos, sentindo-se muitas vezes um paria, só, inseguro do seu direito de frequentar a academia”(1993 p.24).

A orientação do jovem na construção e transcurso do mundo profissional, na opinião de Rosebaum (2001), se complexifica diante do fato inegável de que a sociedade não parece preparada para operar com os novos instrumentos, criados não só pela tecnologia da informação e pela globalização (como, por exemplo, rapidez no processamento de dados e transmissão de dados em tempo real, desterritorialização do trabalho), mas também por uma reengenharia dos próprios componentes do trabalho: cargos, serviços, tarefas, tempo, distância, remuneração etc.

“Como resultado dessa avalanche de variáveis, a carreira voltou a ser patrimônio do trabalhador e não mais da empresa. O problema é que não sabemos o que fazer com isso, já que tomar decisões, fazer escolhas, ser sujeito do próprio processo não é algo fácil e nem fomos educados para isso”.(2001)

No entanto, este é o centro das investigações desse estudo que se pretende continuar elaborando por meio de estratégias que aperfeiçoem e desenvolvam novas práticas de intervenção, que possam oferecer opções ao modelo tradicional, onde predomina a linearidade, a padronização, a ênfase no individualismo e nas relações competitivas. *“A produção de subjetividade talvez seja mais importante do que qualquer outro tipo de produção, mais essencial até que o petróleo e as energias”* (GUATTARI, 1986:26)

Busca-se alternativas de carreiras profissionais que além de contemplarem as singularidades sejam orientadas por valores que enfatizem a relação de responsabilidade comum, cooperação e transformação social.

O EMPREENDEDORISMO E A LOCALIZAÇÃO PROFISSIONAL DOS SUJEITOS

As aceleradas mudanças neste final de século, como reflexo da organização da economia mundial, levaram as sociedades a tentarem dar conta de outras pautas, além de sua reprodução mecânica coletiva. Novas formas de participação e inserção social passam a ocupar o lugar dos empregos tradicionais. A vocação de aprender a aprender permanentemente, de criar e de reciclar de maneira arrojada e flexível as suas competências e atitudes, torna-se num grande apelo em relação aos sujeitos.

Neste cenário os jovens despontam como atores protagonistas da renovação permanente da sociedade, particularmente no contexto da reestruturação sócio-econômica e da globalização. Nesse sentido deverão ser priorizadas todas as ações para o incremento do capital humano dos jovens, por meio do desenvolvimento de valores além de destrezas e capacidades, com o objetivo de lhes permitir o experimento de novas formas de ser e atuar.

Entretanto, a maior parte das ações, nesse sentido, se concentra no balizamento racional desenvolvimentista no que concerne às etapas que tornarão os jovens independentes e produtivos.

Da mesma forma que a Psicologia da Infância postulou as noções normativas para o entendimento da entidade infância, observam-se, nos nossos dias, as construções profissionais dos jovens, também, tendo que responder ao *cheklist* de enquadre de um *devir* profissional, que significará o seu salvo conduto para a fase adulta.

Uma das possibilidades de contribuição para a localização profissional dos sujeitos, diante dessas transformações, vem sendo apontada dentro da perspectiva do Empreendedorismo. Embora o movimento requeira, para o seu entendimento, um balizamento histórico e conceitual, tanto como metodologia de ensino quanto práxis econômica, no momento, essa revisão limita-se a identificar os principais aspectos que servirão de reforços de argumentação para a proposta de planificação de horizontes profissionais como um exercício de autoria.

O conceito empreendedorismo costuma se ligar aos indicativos de desenvolvimento econômico, a partir do final dos anos 70, quando o Estado e as grandes empresas deixaram de ser referências como suporte econômico para as sociedades.

“Nos anos 80, alguns fatores – o endividamento crescente dos governos, o aumento da concorrência dos mercados e sua mundialização, a utilização intensiva de tecnologia nos processos produtivos – transformaram este panorama, delineando uma nova organização econômica. As grandes empresas passaram a produzir mais com menos empregados; os governos buscaram diminuir os seus déficits através de cortes e redimensionamento de seus quadros de pessoal. A partir daí, as únicas criadoras de empregos passaram a ser as PME, pequenas e médias empresas que não mais se restringiram ao mercado local ou regional, mas começaram a concorrer no mercado internacional”.(DOLABELA, 1999, p..30).

Embora contando com os mesmos marcos inaugurais, além de um relativo consenso quanto a sua relevância, o entendimento do empreendedorismo e as características do sujeito empreendedor podem se fazer a partir de premissas antagônicas. Dolabela chega a ressaltar um tipo de empreendedorismo que acarreta conseqüências negativas para a sociedade, que é o empreendedorismo de *concentração renda* e, por conseguinte, também de concentração de conhecimento e poder. Alvo fácil de críticas, essa modalidade de empreender de maneira auto-referente e a qualquer custo corre o risco de acolher atividades antiéticas, segundo o autor, que em não raras vezes subtraem valor da sociedade. Outra peculiaridade dessa postura é a fixação em modelos de desenvolvimento e teorias importadas, denotando uma permanente negação das agendas de prioridades locais. Para Dolabela, o empreendedorismo que nos interessa é aquele capaz de gerar e distribuir renda, conhecimento e poder “*O empreendedorismo bom*”, preocupado com o desenvolvimento do seu entorno, traduzido muitas vezes pela melhoria das condições de vida da coletividade.

Quanto às possibilidades de inserção do empreendedorismo como uma prática de ensino, Dolabela (2001) afirma que:

“No Brasil, educar na área empreendedora significa destruir mitos. Mito de que poucos podem ser empreendedores, de que a renda, poder e conhecimento devem estar concentrados em poucos que irão, um dia, reparti-la, e o seu corolário: a dependência que cria o mito do "pau de açúcar", único em condições de resolver nossos problemas porque possui, além da capacidade de acumular poder e riqueza, a "bondade" de ajudar os da terra. Destruir o mito que, ao fazer do dinheiro o principal indicador do sucesso, tem principalmente a finalidade de legitimar o sistema que coloca no vértice da pirâmide social os que o acumularam e faz despencar para a base a grande massa, dependente, desapossada da sua auto-estima, da sua cidadania, e das condições para usufruir as conquistas que o crescimento econômico oferece. Educar é destruir o mito segundo o qual se pode importar mitos culturais sem enfraquecer as nossas identidades e valores comunitários, algo precioso na era da mundialização. Empreendedorismo significa protagonismo social, ruptura de laços de dependência, crença dos indivíduos e comunidades na própria capacidade de construir o seu desenvolvimento através da cooperação sistêmica, que utiliza tanto a sinergia intracomunitária como a gerada pela conectividade construtiva entre os diversos âmbitos político-sociais”. (2001)

Para os propósitos do estudo em curso, além da conceituação de Dolabela, vale ressaltar o empreendedorismo como algo que envolva uma atitude pessoal ou coletiva de inquietação, ousadia e proatividade, que fornece aos sujeitos a possibilidade de autoria nas diferentes modalidades de carreiras profissionais. Como prática de ensino, deve promover o aprimoramento e a descoberta de novos caminhos em todos os setores, onde as oportunidades possam se referir não apenas aos que

desejam montar o seu próprio negócio, mas sim a todos os que desejam se apropriar e definir as suas trajetórias profissionais.

De maneira equivocada, imagina-se que a etapa mais importante nessa definição de trajetória seja a entrada na universidade. Entretanto, segundo pesquisas realizadas pelo Ministério da Educação, somente 62,4% dos indivíduos que ingressam para um curso superior chegam ao seu final. O crescimento médio do número de concluintes é de 3,9% ao ano, enquanto que o de novos alunos se expande a uma velocidade de 10,2% no mesmo período.

Para se ter uma idéia, em 1994, dos 463 mil jovens que conseguiram entrar para a faculdade, apenas 245 mil chegaram até o final do curso. Trata-se de uma relação de dois para um (ingressantes/concluinte), o que indica ser ainda muito elevado o percentual de alunos que abandonam, trancam matrícula, repetem ou mudam de curso. Nas universidades públicas municipais, 56,2% chegam ao final do curso; situação diferente das estaduais, 75,5% e federais, 69,6% (dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – Inep – Ministério da Educação).

A constatação desses números envolvendo abandono, trancamento e mudança de cursos muda o caráter de urgência com o qual se vinha lidando com a questão da preocupação com os “horizontes profissionais dos jovens”. De um *plus a mais*, como um requinte no entendimento das missões das instituições de ensino, esses números denotam uma resposta dos sujeitos que parece não poder calar.

Uma infinidade de organismos e instituições passa a se interessar e a operar com esse projeto que envolve aprimoramento e descobertas por parte dos jovens. Da assertividade dos programas de Orientação Vocacional tradicionais, que lidavam com códigos binários quanto às projeções profissionais, até os roteiros precisos de construção de carreiras paragonados pelas expectativas dos grandes mercados, um variado cardápio é oferecido aos jovens como soluções para que se encontrem e, especialmente, para que se orientem dentro de uma perspectiva profissional. Entretanto, nem sempre é facultado aos jovens o entendimento da clareza dos seus objetivos, que transitam entre favorecer/forjar o amadurecimento e facilitar/limitar as escolhas, por estarem, na maior parte das vezes, dentro da lógica de sentido progressivo da história individual e coletiva no mundo ocidental.

CONCLUSÕES

Busca-se nesse estudo aliar as propostas de **resistência anti-desenvolvimentista** e com as de **planejamento de carreiras** tentando encontrar uma saída para essa problemática, ao eliminar um suposto antagonismo nessa combinação.

Ao se levar em conta que a *“ação humana não pode ser exaustivamente roteirizada, e que, de algum modo, o saber científico deve comportar o contraditório, o contingente e o particular.”* (CASTRO, 2001 p. 28), a noção de planejamento de uma carreira que se tenha em mente deverá porosamente se edificar e permanentemente se fazer atravessar pelas especificidades do sujeito que planeja, lembrando que esse sujeito deverá se localizar sempre em relação, tentando dar conta de algo que lhe é anterior, como a *“lenta submissão a padrões racionalizados de conduta onde prevalecem os valores de autonomia, do racionalismo, da individualização e do auto-centramento”* (CASTRO, 2001, p. 21). Assim, o processo de escolha e construção profissional nunca será neutro ou descomprometido. Deverá se inscrever no orquestramento do “débito social e cultural”, que lhe será imposto como condição de vencer o desafio de se tornar um adulto ativo e produtivo. Quem sabe, então, poderá essa façanha se caracterizar por um meta-desenvolver, ou um meta-empreender.

“O desenvolvimento é uma finalidade, mas deve deixar de ser uma finalidade míope ou uma finalidade-término. A finalidade do desenvolvimento submete-se ela própria a outras finalidades. Quais? Viver verdadeiramente. Viver o melhor. Verdadeiramente e melhor, o que significa isso? Viver com compreensão, solidariedade, compaixão. Viver sem ser explorado, insultado, desprezado. Significa que as finalidades do desenvolvimento dependem de imperativos éticos. O econômico deve ser controlado e finalizado por normas antro-po-éticas.”(Morin, 2002 p. 106)

Problematiza-se com isso a hegemonia do individualismo, como padrão assertivo de existência no contemporâneo, e sugere-se a busca pelo desenvolvimento a partir de uma ética que promova a subsistência das singularidades do sujeito e do seu entorno. Qualquer construção de trajetória profissional deverá ser buscada aqui, pois não há garantias nas promessas de progresso, que não levem em conta essa condição.

BIBLIOGRAFIA

- BOCK, Ana M. Bahia et al (...) (1995). A escolha profissional em questão. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- BOHOSLAVSKY, Rodolfo (1977) Orientação Vocacional - a estratégia clínica. São Paulo: Livraria Martins Fontes.
- DAVEL, Eduardo Paes B.; VASCONCELLOS, João Gualberto M. (Org.) (1995) Recursos humanos e subjetividade. Petrópolis, RJ: Vozes.
- CALLIGARIS, Contardo (1996) "Daí, me marca, pai!" e "Adolescente profissional". In: Crônicas do individualismo moderno. São Paulo: Ática.
- CASTRO, Lucia Rabelo de (org.) (2001) Crianças e jovens na construção da cultura. Rio de Janeiro: Faperj/Nau Editora.
- _____ (org) (2001) Subjetividade e cidadania: um estudo com crianças e jovens em três cidades brasileiras. Rio de Janeiro: Faperj/ 7 Letras.
- _____ (org) (1998) Infância e Adolescência na Cultura do Consumo. Rio de Janeiro: Nau Editora.
- CASTRO, Lúcia R., JOBIM e SOUZA, Solange (1994/1995) Desenvolvimento Humano e questões para um final de século: tempo, história e memória. Psicologia Clínica: Pós-graduação e Pesquisa. PUC-Rio, Departamento de Psicologia: Nau Editora, v. 6, n. 6
- CHIAVENATO, Idalberto (2002) Carreira e competência – Gerenciando o seu maior capital. São Paulo: Saraiva.
- CIULLA, Joanne B. (2000) The working life: the promise and betrayal of modern work. New York: Times Books.
- COREY, G. (1977) Theory and Practice of counseling and Psychotherapy. Monterey, California: Brooks/Kole Publishing Company
- COVEY, Stephen P. (1989) Os sete hábitos das pessoas altamente eficazes. São Paulo: Editora Best Selles.
- CUNHA, Beatriz Monteiro (1999) Na dúvida, ultrapasse: orientação vocacional. São Paulo: Evoluir.
- DEJOURS, Christophe (1987) A loucura do trabalho – Estudo de psicopatologia do trabalho. São Paulo: Oboré Editora.
- DOLABELA, Fernando (2001) Empreendedor de Sonhos. Portal do Voluntário - <http://www.portaldovoluntario.org.br/sala/entrevistas/27.asp>
- _____ (1999) Oficina do Empreendedor – Metodologia de ensino que ajuda a transformar conhecimento em riqueza. São Paulo: Cultura Editores.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias (2001) Prefácio. In: CASTRO, Lucia Rabelo de (org.) Crianças e jovens na construção da cultura. Rio de Janeiro: Faperj/Nau Editora.
- GREENHAUS, Jeffrey H. et al. (1999) Career management. Orlando: Harcourt.
- GUATTARI, Félix. & ROLNIK, Sueli. (1986) Cartografias do desejo. Petrópolis/RJ: Vozes.
- GURFINKEL, A. E. C. (1993). "Algumas questões sobre a dúvida profissional do adolescente". In: RAPPAPORT, Clara Regina (org). Adolescência: abordagem psicanalítica. São Paulo: EPU.
- KRAUSKOPF, Dina (2000) Dimensiones críticas em la participación social de las juventudes. In BALARDINI, Sergio (org.) (2000) La participación social y política de los jóvenes em el horizonte del nuevo siglo. Buenos Aires: Clacso.
- LEMOS, Caioá G. (2001) Adolescência e escolha da profissão São Paulo: Vetor Editora.
- LEVENFUS, R. S. (Org.). (1997). Psicodinâmica da escolha profissional. Porto Alegre: Artes Médicas.
- LOSICER, Eduardo (1995) A procura da subjetividade: a organização pede análise. In: DAVEL, Eduardo, VASCONCELOS, João (org.). Recursos humanos e subjetividade, Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- FARREN, Caela (2000) Carreira de sucesso – Como administrar e garantir o emprego em tempos difíceis. São Paulo: Futura.
- FERRETTI, Celso João (1997) Uma nova proposta de orientação profissional. São Paulo: Cortez.
- FIGUEIRA, Sérvulo A. (org) (1986) Uma nova família? O moderno e arcaico na família de classe média brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- GUATTARI, F. (1996) "Capitalismo mundial integrado". In: GUATTARI, Félix; ROLNIK, Sueli. Micropolítica: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes,
- HOIRISCH, Adolpho, BARROS, Dolores e SOUZA, Ingrid (1993) Orientação Psico-pedagógica no ensino superior. Rio de Janeiro: Cortez Editora e UFRJ Editora.
- MORGAN, Gareth. (1996) Explorando a caverna de Platão: as organizações vistas como prisões psíquicas. In: Imagens da Organização. São Paulo: Atlas.
- MORIN, Edgar e KERN, Anne B. (2002) Terra-Pátria. Porto Alegre: Sulina.
- MULLER, Marina (1988) Orientação Vocacional - contribuições clínicas e educacionais. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas.
- NUGENT, F. A. (1994). An Introduction to the Profession of Counseling. New York: McMillan
- OLIVEIRA, Marco A. (2000) O novo mercado de trabalho: guia para iniciantes e sobreviventes. Rio de Janeiro: SENAC

Organização Internacional do Trabalho – Desemprego juvenil no Brasil: em busca de opções à luz de algumas experiências internacionais. Brasília: OIT, 2001.

PELLETIER, Dénis et ali. (1982) Desenvolvimento Vocacional e Crescimento Pessoal. Petrópolis: Ed. Vozes.

PIMENTA, Selma Garrido (1981) Orientação vocacional e decisão: estudo crítico da situação no Brasil. São Paulo: Loyola.

RAPPAPORT, Clara Regina (1998) "Escolhendo a Profissão". São Paulo: Editora Ática.

ROITMAN, Ary (2000) O Desafio Ético. Rio de Janeiro: Garamont.

ROSEMBAUM, Yudith (2001) Artigo: Emprego, vocação e trabalho. Cidade do Conhecimento - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH – USP. <http://www.cidade.usp.br/educar2001/mod4ses4.html>

SAVICKAS, M. L.; BRUCE, W. (1996) - Handbook of career counseling: Theory and practice. Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Book.

SCHNITMAN, Dora Fried (org) (1996) Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade. Porto Alegre: Artes Médicas.

SIMMEL, Georg "O dinheiro na cultura moderna". In: SOUZA, Jessé & ÖELZE, Berthold (orgs.). Simmel e a modernidade. Brasília: Editora UnB, 1998

SOARES-LUCCHIARI, Dulce Helena Penna (org.) (1993)- Pensando e Vivendo a Orientação Profissional São Paulo: Ed. Summus,

VELHO, Gilberto (org) (1990) – Individualismo e juventude. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional – UFRJ/Finep. Comunicação No. 18.

VERGARA, Sylvia Constant (org.) (2001) Gestão com pessoas e subjetividade. São Paulo: Atlas

TAVOLA, Artur (1981) Ser jovem. Rio de Janeiro: PLG-Comunicação.

TOMEI, Patrícia (1995) "Trabalhadores descartáveis ou recicláveis?" In: DAVEL, Eduardo & VASCONCELOS, João. Recursos Humanos e Subjetividade. Petrópolis/ RJ: Vozes.

"Adullescência". In: Caderno Mais! Folha de São Paulo, 20/09/98.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais - Inep - Ministério da Educação